

O império dos EUA e a Nicarágua, por Chomsky

The U.S. empire and Nicaragua, by Chomsky

DOI: 10.46814/lajdv3n2-037

Recebimento dos originais: 03/04/2021

Aceitação para publicação: 03/05/2021

Michel Justamand

Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/PUC-SP; Docente do Curso de Bacharelado em História da Arte – Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, lotado na unidade acadêmica de Guarulhos.

E-mail: micheljustamand@yahoo.com.br

RESUMO

Desde a conquista dos territórios que hoje compõem os EUA houve formas de imposição sociais, culturais, políticas e econômicas. Assim, indígenas sofreram brutalmente perdendo seus territórios ancestrais para os ditos civilizados. Os negros transplantados da África também sofreram e sofrem os maus-tratos com os indígenas. O governo das elites agrárias tomou medidas para garantir o controle das terras e dos bens produzidos. Desejosos pelo acesso às terras de outrem, ou seja, os espaços ocupados pelos povos conhecidos como latinos. Essas elites construíram suas ideologias que constituem, na escrita crítica de Noam Chomsky, verdadeiras posturas imperiais militares. Tais posturas se voltam também aos países vizinhos que se tornaram independentes e soberanos, mas que aos olhos dos EUA podem e devem ser anexados. E é contra essa forma de imperialismo, nazista, nos termos do autor, que pretendemos apresentar o caso singular da Nicarágua. Chomsky analisa ponto a ponto fatos históricos da década de 80 de muitos países da América Latina, mas esse caso é especial por que o estado nicaraguense venceu os EUA na ONU, fato inédito e os estadunidenses foram obrigados a pagar indenização pelos danos causados, algo que nunca foi feito.

Palavras-chave: Chomsky, Nicarágua, EUA.

ABSTRACT

Since the conquest of the territories that today make up the United States there have been forms of social cultural, political, and economic. Thus, indigenous people have suffered brutally, losing their ancestral their ancestral territories to the so-called civilized. The blacks transplanted from Africa also suffered and suffer the same mistreatment as the indigenous. The government of the agrarian elites took measures to guarantee control of the land and the goods produced. Eager for access to to access other people's lands, that is, the spaces occupied by the peoples known as Latin. These elites built their ideologies that constitute, in the critical writing of Noam Chomsky, true military imperial postures. Such postures are also directed to the neighboring countries countries that have become independent and sovereign, but that, in the eyes of the United States, can and should be annexed. eyes of the United States can and should be annexed. And it is against this form of imperialism, Nazi, in the author's terms that we intend to present the singular case of Nicaragua. Chomsky analyzes point by point point by point historical facts from the 1980s in many Latin American countries, but this case is special because the Nicaraguan case is special because the Nicaraguan state defeated the United States in the UN, an unprecedented fact, and the and the Americans were obliged to pay compensation for the damage caused, something that was never done.

Key words: Chomsky, Nicaragua, USA.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo pretende apresentar a questão da invasão da Nicarágua e suas consequências para o país invadido e também para a política externa dos EUA, o império invasor. Dialogar com seus atores, insurgentes sandinistas, os contras, o governo de Ronald Reagan dos EUA e outros, a população em geral e os indígenas envolvidos nessas investidas do grande capital em terras já muito devastadas pelos conquistadores anteriores. Tal diálogo realizar-se-á por meio dos textos (livros autorais, artigos em coletâneas e ou entrevistas concedidas aos mais diferentes meios de comunicação) de Noam Chomsky. Ele que é um dos maiores contestadores das políticas externas (sejam elas econômicas, sociais, militares e ou culturais) dos EUA. Autor que é conhecido e reconhecido internacionalmente por esse intuito e interesse intelectual, apresentar as verdades a respeito dos projetos estadunidenses para o mundo. Sempre disposto a conceder entrevistas a todas as formas midiáticas e a todos os países. Nessas entrevistas e ensaios relata invariavelmente as desmedidas dos governos dos EUA¹. Desde a década de 60 do século passado, no mínimo, Chomsky se dispõem a informar aqueles que desejarem a respeito da ameaça que é a política externa dos EUA para o mundo. Apresenta detalhes dessa política estadunidense independentemente de momentos históricos de grandes conturbações mundiais como os da Guerra Fria, por exemplo, e ou das relações internacionais sejam quais forem os EUA tentam impor seus desejos e interesses sobre os países indefesos e dar assim o exemplo para os outros.

Pretende-se ainda com o artigo mostrar que é possível, ou tentar ao menos, derrubar o grande império nazista atual, como lembra Chomsky, por diversas vezes² em seus escritos e ou entrevistas, nas instituições internacionais, como a ONU – Organização das Nações Unidas. Para tal o presente artigo foi dividido nas seguintes partes:

1 - Antecedentes Históricos; 2 - Por que as Garras do Império recaíram sobre a Nicarágua? 3

– Quem é vai pagar por isso? 4 – Exemplos a serem seguidos por todos (considerações finais).

¹ Uma delas que estou me reportando é a de 22 de setembro de 2001 para o Jornal Folha de São Paulo. Onde Chomsky trata entre outros assuntos do caso da Nicarágua. Lembra como faz em muitos outros momentos, que os EUA foram considerados culpados por uso ilegal da força nesse país centro-americano.

² Ver: CHOMSKY, Noam. **O império americano: hegemonia ou sobrevivência**. Trad. Regina Lira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. Nesse livro o autor faz diversas comparações dos atos políticos nacionais e ou internacionais dos EUA com os da Alemanha nazista, ver: p. 72-5. Ver ainda: MITCHELL, Peter R. e SCHOEFFEL, John. **Para entender o poder. O melhor de Noam Chomsky**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, especialmente a p. 150. Onde compara as ações tomadas nos EUA e sua mídia. Também compara a medida antiterror dos EUA com as ações dos nazistas na p. 116. Ver também: CHOMSKY, Noam. **Novas ordens e velhas ordens mundiais**. Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996. Nessa obra o autor nos lembra as relações amigáveis entre os governos dos EUA e os nazistas. Expõe que muitas grandes empresas estadunidenses tinham interesse direto na máquina de guerra construída pelos nazistas, p. 59 entre outras.

2 ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Noam Chomsky incansavelmente nos lembra em seus muitos escritos que desde a fundação da nação estadunidense buscaram-se formas de manipular as mentes da maioria da população, para entre outros fatos, esconder a sua própria História. Assim, tenta-se arregimentar as suas mentes, como os exércitos fazem com os corpos, sempre em consonância com a idéia de que isso é essencial para o regime democrático, do qual certamente os EUA são seus principais mantenedores e divulgadores, claro. Lembra Chomsky que o principal promotor da Convenção Constitucional, James Madison, proferiu em seus discursos que é de responsabilidade do governo proteger os interesses da minoria dos abastados contra a maioria.

De qualquer forma, Madison, como era astuto, reconheceu que esse aspecto ³governamental seria um problema para a recém criada democracia americana, como para qualquer outra o é⁴.

A Nicarágua tem um caso em particular com os EUA que remontam ao século XIX. Já em 1854 os Estados Unidos com sua marinha destruiu uma cidade costeira nicaraguense. E o motivo que na época justificou tal abuso e vingança foi, simplesmente, um alegado insulto feito aos oficiais do “império do medo (EUA)” e também ao milionário Cornelius Vanderbilt, lembra Chomsky, torturar a Nicarágua é um ritual antigo⁵.

Em nome da promoção da democracia no continente americano, já no início do século passado, os EUA promoveu uma serie de intervenções militares na América Central, entre elas claro esta o caso da Nicarágua, lembra Chomsky⁶. As intervenções tinham ainda como alvos o Haiti e a Guatemala.

A Nicarágua foi alvo das Garras, ou seja, da invasão pelos EUA com seus fuzileiros navais no amanhecer do século XX⁷. Esse ato se deve ao direito, que eles se arrogam em tratados para construir um canal, com o fim lógico de impedir qualquer um concorrente na região ao canal do Panamá. Mas claro que um tratado como esse assinado no momento de ocupação militar do país por outro não pode ter valor, ainda mais quando o que assinou é o mesmo que levará vantagens com o tratado. E esse

³ CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer?** Trad. Sistílio Testa e Mariúchka Santarrita. Brasília: UNB, 1996, p. 57.

⁴ CHOMSKY, Noam. **Propaganda ideológica e controle do juízo público.** Trad. Danielle Mendes Sales. Rio de Janeiro: Achiamé, s/data, p. 13.

⁵ CHOMSKY, Noam. **Novas ordens e velhas ordens mundiais.** Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996, p. 172.

⁶ CHOMSKY, Noam. **Estados fracassados: o absurdo do poder e o ataque à democracia.** Trad. PedroJorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 174.

⁷ O autor lembra que a ocupação na Nicarágua foi quase que durante todo o século XX. Ver: CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich.** Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 82.

tratado garantia, obviamente, direitos perpétuos aos EUA, nada mais injusto para com toda a população nicaragüense e sem duvidas um abuso comercial e social⁸.

A Guerra Fria que foi um mote de discussões e de testes para dois grandes Impérios conformados durante o século XX, EUA e URSS. A duração desse período é de 1945 até a queda do muro de Berlim, vinculado ao colapso das políticas de dominação soviéticas em seus espaços permitidos e acordados com os EUA, claro. Assim, lembra Chomsky, para a URSS era uma guerra contra os seus satélites e para os EUA contra todo o terceiro mundo. Isso é importante que fique claro. E importante também que fique claro que em ambos os casos, tanto dos EUA quanto da URSS, a Guerra Fria serviu para consolidar seus sistemas de privilégios e coerção no âmbito nacional. A população em cada um desses estados, EUA e URSS, somente aceitava as imposições com base nas coações. Usando sempre e em ambos os casos recorrer ao inimigo maléfico, um dizendo em sua mídia que o inimigo maléfico é o outro, justificando assim os gastos com armamentos e os investimentos em guerras contra todos, especialmente os mais fracos militarmente. Para o autor esta guerra fria, que na verdade foi muito quente, somente persistiu enquanto teve utilidade funcional para os administradores de ambas as partes⁹ e também enquanto foi muito atraente política e economicamente para ambos os Impérios do medo do século XX¹⁰. O caso da Nicarágua se encaixa no terceiro mundo, ou seja, área de intensificação, utilidade funcional e atração econômica da guerra por parte dos EUA.

O que mais nos comove é que no período da maior ditadura terrorista da Nicarágua, sob Anastácio Somoza Debayle, o governo dos EUA enviou ajuda humanitária quando do terremoto que devastou o país, em 1972. Já quando em 1988, sob o governo sandinista houve outro desastre natural, um vulcão, que também abalou o país, nem um centavo foi endereçado para esse país¹¹. Isso por que o medo dos EUA é que talvez esse mísero centavo fosse parar nas mãos dos sandinistas que fariam usos errados desse dinheiro. Enquanto durou na Nicarágua a ditadura tirânica de Somoza¹², promovida,

⁸ CHOMSKY, Noam. **Novas ordens e velhas ordens mundiais**. Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996, p. 63.

⁹ CHOMSKY, Noam. **O governo do futuro**. Trad. Maira Parula. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007, p. 45.

¹⁰ CHOMSKY, Noam. **Contendo a democracia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003, p. 46.

¹¹ CHOMSKY, Noam. **Ano 501. A conquista continua**. Trad. Maria Cristina Guimarães. São Paulo: Scritta Editorial, 1993, p. 211.

¹² CHOMSKY, Noam. **A política externa dos Estados Unidos da segunda guerra mundial a 2002**. Trad. Paulo Alves de Lima Filho. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2005, p. 44-5.

mantida e abastecida, pelos EUA, leia-se governo de Jimmy Carter¹³, não houve problemas nem preocupações por parte do governo estadunidense¹⁴.

A Guarda Nacional¹⁵ também nesse período cumpria seus desígnios, ou seja, manter todos calados, mesmo que fosse a custa de muitas mortes em benefício dos interesses dos grandes empresários do “país irmão do norte”. Ela, ainda lembra Chomsky, sempre foi brutal e sádica¹⁶. Essa guarda foi responsável inclusive por atrocidades contra os sandinistas até 1979. Matando dezenas de milhares de pessoas. Destruindo aldeias inteiras por serem suspeitas de dar guarita aos guerrilheiros sandinistas. Ainda existem as lembranças dos moradores das aldeias de que houve também bombardeiros aéreos, torturas terríveis e execuções sumárias¹⁷.

Para completar o mal estar causado pelos representantes dos estadunidenses na Nicarágua o seu próprio embaixador, dos EUA, no período, por incrível que pareça, ainda falou a favor de tais atrocidades contra a população nicaragüense cometidas pela Guarda Nacional, mesmo depois da queda de Somoza. Alguns ainda acreditavam que na Nicarágua haveria um somozismo sem Somoza¹⁸. Mas de toda forma a Guarda Nacional e a ditadura de Somoza, apoiada pelos EUA foram derrubadas. O fato era agora como manter um sonho. O sonho de tentar dar um rumo diverso para o que vinha ocorrendo na Nicarágua, sob o signo dos rebeldes sandinistas. Uma alternativa que promoveu uma nova vitalidade e a esperança entre o povo nicaragüense¹⁹.

3 POR QUE AS GARRAS DO IMPÉRIO RECAÍRAM SOBRE A NICARÁGUA?

Devia-se perguntar na verdade por que os EUA foram tão longe nas atrocidades, imposições, controles, abusos, etc., na Nicarágua. Acreditamos baseados nos escritos de Chomsky que isso se deve

¹³ No governo de Carter houve a tentativa frustrada de manter o poder em mãos de alguém que fosse “aliado” aos interesses dos EUA, com uma mediação, mas para insatisfação estadunidense foi tarde demais, os sandinistas conseguiram derrubar Somoza e sua Guarda Nacional explicita Chomsky. IN: CHOMSKY, Noam. **Rumo a uma nova guerra fria: política externa dos EUA, do Vietnã a Reagan.** Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007, p. 34. Ver também: CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich.** Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 52.

¹⁴ CHOMSKY, Noam. **O novo Humanismo Militar: lições de Kosovo.** Trad. Jorge Almeida e Pinho. Porto: Campo das Letras, 2002, p. 117. Ver também: CHOMSKY, Noam. **Novas ordens e velhas ordens mundiais.** Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996, p. 257.

¹⁵ O autor lembra que a Guarda Nacional da Nicarágua é um estilo de proteção dos interesses estadunidenses preferida de longa data. Seriam como um exército digno. Um exército que funcionaria no momento em que a polícia e os militares não podem mais serem controlados. Isso em nome de se garantir um regime político mais submisso aos desígnios dos EUA. IN: CHOMSKY, Noam. **Contendo a democracia.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003, p. 72.

¹⁶ IDEM, *ibidem*, p. 44.

¹⁷ O autor explicita em detalhes nas notas do artigo: A política externa e a intelligentsia. IN: CHOMSKY, Noam. **Rumo a uma nova guerra fria: política externa dos EUA, do Vietnã a Reagan.** Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007, p. 207.

¹⁸ CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer?** Trad. Sistílio Testa e Mariúchka Santarrita. Brasília: UNB, 1996, p. 52-3.

¹⁹ CHOMSKY, Noam. **O império americano: hegemonia ou sobrevivência.** Trad. Regina Lira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 15.

em parte às conquistas dos sandinistas no período posterior a tomada de poder em 1979. Os ditos rebeldes sandinistas conseguiram em pouco tempo melhorar as condições de vida do povo e estimular sua participação efetiva nos processos de desenvolvimento, buscou também resolver as injustiças da posse da terra. Buscou-se ainda estender os serviços agrícolas, médicos, hospitalares e educacionais à todas as famílias camponesas²⁰.

Os sandinistas tinham programas educacionais que incrementavam enormemente a alfabetização. Tinham também programas de saúde que visavam a redução da mortalidade infantil. E que tinham como perspectiva o aumento da longevidade de seus compatriotas. Ganharam prêmio por seus programas de saúde da OMS – Organização Mundial de Saúde pelos êxitos nesse campo. Também foram muito bem-sucedidos no programa de Reforma Agrária que funcionou, salienta Chomsky²¹. Assim, eles, os sandinistas, estariam roubando as matérias-primas que são, para os EUA, suas posses na Nicarágua e distribuindo aos seus pobres e necessitados²².

No início dos anos 80 o Banco Mundial considerou alguns setores da Nicarágua extraordinariamente bem sucedidos. Alias mais do que qualquer parte do mundo. E o Banco Interamericano de Desenvolvimento concluiu que a Nicarágua tinha tido notáveis avanços no setor social e estava lançando as bases para um desenvolvimento socioeconômico em longo prazo²³. Isso tudo não pode. De forma alguma se pode deixar isso aparecer e pior se perpetuar. Choca com os interesses dos EUA na região e no mundo, evidentemente. Por que os EUA não querem o melhor para os pobres dos outros países, pois isso pode gerar convulsões sociais onde não existam tais benefícios.

O autor acrescenta que pela primeira vez a Nicarágua tinha um governo que se interessava pelo povo. Os sandinistas procuraram dirigir os recursos agrícolas aos pobres. E foram bem sucedidos nessa tentativa. Algo que, como sugere Chomsky, maravilhoso de se observar. Isso provocava ódio nos estrategistas dos governos dos EUA, como George Shultz e Alan Cranston²⁴. Quando um país começa a destinar seus próprios recursos à sua população deve ser destruído pelos EUA²⁵. Ainda mais se esse país já estava sobre a esfera de interferência dos EUA. Como era o caso da Nicarágua.

²⁰ CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer?** Trad. Sistfílio Testa e Mariúchka Santarrita. Brasília: UNB, 1996, p. 54.

²¹ CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich.** Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 77.

²² IDEM, *Ibidem*, p. 78.

²³ CHOMSKY, Noam. **O que o Tio Sam realmente quer?** Trad. Sistfílio Testa e Mariúchka Santarrita. Brasília: UNB, 1996, p. 54. Ver também: CHOMSKY, Noam. **A política externa dos Estados Unidos da segunda guerra mundial a 2002.** Trad. Paulo Alves de Lima Filho. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2005, p.46. ²³IDEM, *ibidem*, p. 55. Ver ainda: CHOMSKY, Noam. **A política externa dos Estados Unidos da segunda guerra mundial a 2002.** Trad. Paulo Alves de Lima Filho. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2005, p. 47.

²⁴ IDEM, *ibidem*, p. 55. Ver ainda: CHOMSKY, Noam. **A política externa dos Estados Unidos da segunda guerra mundial a 2002.** Trad. Paulo Alves de Lima Filho. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2005, p. 47.

²⁵ CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich.** Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 95.

Existe nos EUA uma idéia de que os países fora do domínio político podem de alguma forma ser exemplos a seguir por outros, logicamente exemplos que não devem ser seguidos. E a Nicarágua seria um desses para os países da América Central. Onde evidentemente há certa “*pax romana*” Imperial, ou seja, onde os desejos, imposições e decisões dos EUA são mantidas. Ou ainda serviria de exemplo para outros países do mundo. O que seria um abuso frente aos interesses do Império. Para essa idéia os argutos pensadores estadunidenses chamam de efeito dominó, como bem lembra Chomsky²⁶.

Para solucionar esses “mal-entendidos” sociopolíticos e econômicos gerados pelos sandinistas no poder na Nicarágua é preciso tomar uma postura radical. Assim, o presidente “eleito democraticamente” nos EUA, Ronald Reagan, em 1981 toma as devidas providências para garantir os interesses dos seus financiadores. Ou seja, inicia-se uma luta armada sem precedentes contra um país completamente indefeso e sem justificativas plausíveis, apesar de que não acreditamos em nenhum motivo para se realizar uma guerra. Parte-se de uma ofensiva ideológica que inventa um monstro imaginário, a possibilidade da invasão dos EUA pela Nicarágua, e depois se realiza uma campanha propagandística na mídia vendida para esmagar esse país²⁷. Dizia-se que a Nicarágua com suas hordas de terroristas e subversivos chegaria ao Texas/EUA em dois dias de estrada²⁸ visando a invasão do território dos EUA.

Reagan chama de estado de emergência nacional²⁹ reagir frente à Nicarágua, como aponta Chomsky. Esse pequeno país³¹ passa a ser considerado ameaça extraordinária³⁰ a segurança dos EUA.

Com as desculpas de que a Nicarágua se envolveria com a compra de armas dos Russos³¹ e ou com o terrorismo internacional, comenta Chomsky³², os EUA também clamavam a toda sua população para entender os objetivos dos futuros ataques. Mas sem saberem que os nicaraguenses seriam levados

²⁶ CHOMSKY, Noam. Estados fracassados: o absurdo do poder e o ataque à democracia. Trad. Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 138.

²⁷ CHOMSKY, Noam. Controle da Mídia. Os espetaculares feitos da propaganda. Trad. Antônio Augusto Fontes. Rio de Janeiro: Graphia, 2003, p. 39.

²⁸ CHOMSKY, Noam. Ambições Imperiais. O mundo pós-11/09 em entrevista para David Barsamian. Trad. C. E. de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 93.

²⁹ CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Trad. Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 46.

³⁰ O autor comenta que são os pequenos países que representam as maiores ameaças para a política exterior dos EUA. Já para a questão da ameaça a segurança nacional é algo ridículo de se discutir em se tratando de Nicarágua invadir os EUA. Isso por que como está previsto dentro dos interesses dos EUA as matérias-primas contidas nesses países pequenos e indefesos devem sem dúvidas pertencerem aos interesses dos EUA. Especialmente as matérias-primas da América Latina. IN: CHOMSKY, Noam. Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich. Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 75-6.

³¹ O autor considera que quanto menor é o país e maior é sua vitória na adversidade maior será a expressão que assume o resultado. Isso para os outros países esse exemplo tem que ser escondido, esquecido e não divulgado nos anais da História Mundial, muito menos pelos interesses dos EUA que logicamente vão de encontro com essa vitória na adversidade. IN: CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich**. Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 77.

³² CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich**. Trad. Luiz Ricardo Leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p. 72.

ao outro lado do mundo graças às políticas externas dos EUA de embargo de alimentos, remédios e armas de seus aliados para a Nicarágua.

Reagan ainda sugere que os líbios gostariam de ter a Nicarágua como seu posto avançado de venda de armas, interpreta Chomsky³³. Algo que esta totalmente fora de lugar na História. Nunca ocorreu. Mas evidentemente serve de argumento para a população e especialmente para se conseguir recursos maiores no congresso dos EUA, recursos em abundância por que são recursos públicos.

4 QUEM É VAI PAGAR POR ISSO?

Os ataques sistemáticos promovidos pelos EUA durante os anos 80 em terras da Nicarágua levaram a morte dezenas de milhares de pessoas, além de ter promovido também o desabrigar de outras tantas pessoas e por final contribuindo para a destruição do país, salienta Chomsky³⁴. Colocado em uma situação que dificilmente conseguira retornar, ou seja, nunca mais será como fora na época dos sandinistas.

Para derrubar a política sandinista que estava agradando aos nicaraguenses foi preciso criar todo tipo de ameaças, cortes, investimentos em armas e em terroristas de Estado, chamados de Contras e por último apontar a arma na cabeça da população na hora do voto. Ou seja, ameaçar de que caso não votassem no candidato dos EUA os embargos econômicos, políticos, sociais e militares continuariam. Assim, em nome de não passar fome e nem de sofrer com a falta generalizada de remédios e outros bens a população votou democrática e “livremente” nos candidatos dos EUA³⁵.

Para Chomsky³⁶, na Nicarágua o resultado não poderia ter sido pior. O desastre econômico que se seguiu ao fim do período dos sandinistas promoveu a criação de uma minoria privilegiada em detrimento de todos os outros, a maioria da população, voltar a viver em péssimas condições, como na época de Somoza.

Infelizmente depois da destruição do projeto social, cultural e econômico dos sandinistas na Nicarágua, esse país se encontra entre os mais pobres do Hemisfério, ficando atrás apenas do Haiti. Nessas condições grande parte da população se vê obrigada a tentar outros mecanismos de luta pela vida. Evidentemente que alguns se entregarão para os piores abusos do sistema e ou para os grandes

³³ MITCHELL, Peter R. e SCHOEFFEL, John. **Para entender o poder. O melhor de Noam Chomsky**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 119.

³⁴ CHOMSKY, Noam. **Poder e terrorismo: entrevistas e conferências pós-11 de setembro**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005, p. 62.

³⁵ CHOMSKY, Noam. **Novas ordens e velhas ordens mundiais**. Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996, p. 242. Ver também: MITCHELL, Peter R. e SCHOEFFEL, John. **Para entender o poder. O melhor de Noam Chomsky**. Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 150.

³⁶ CHOMSKY, Noam. **Neoliberalismo e ordem global. Crítica do lucro**. Trad. António Cruz Belo. Lisboa: Editorial Notícias, 1999, p. 106.

empregadores de pobres, ou seja, o narcotráfico. E assim que a Nicarágua tem em suas cidades grandes como Manágua, um corredor para a transferência da cocaína para os Estados Unidos. O consumo de drogas aumentou significativamente pós-governo sandinista. Reflexos sem dúvidas das políticas aplicadas na Nicarágua posteriores a implantação de governos pró-EUA³⁷.

5 EXEMPLOS A SEREM SEGUIDOS POR TODOS (CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Noam Chomsky, quando de sua estada no FSM – Forum Social Mundial de Porto Alegre em 2003, indicou que para enfrentarmos o Império e suas garras é preciso ter vontade, alias muita vontade, de fazer um mundo diferente. Um mundo que não seja baseado na violência e nem na submissão, muito menos no ódio e no medo³⁸.

A Nicarágua é um exemplo de luta contra o império e suas garras sempre em busca dos meios pacíficos e internacionais para a resolução de suas problemáticas com os EUA³⁹. E

³⁷ CHOMSKY, Noam. **Ano 501. A conquista continua.** Trad. Maria Cristina Guimarães. São Paulo: Scritta Editorial, 1993, p. 126.

³⁸ CHOMSKY, Noam. Como enfrentar o Império? In: Chomsky, Noam; ROY, Arundhati e AMIN, Samir. **A ofensiva do Império e os dilemas da humanidade.** S/tradutor. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2003, p. 9.

³⁹ CHOMSKY, Noam. **Novas ordens e velhas ordens mundiais.** Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996, p. 275.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHOMSKY, Noam. **11 de setembro**. Trad. Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. **A política externa dos Estados Unidos da segunda guerra mundial a 2002**. Trad.

Paulo Alves de Lima Filho. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2005.

_____. **Ambições Imperiais. O mundo pós-11/09 em entrevista para David Barsamian**.

Trad. C. E. de Andrade. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

_____. **Ano 501. A conquista continua**. Trad. Maria Cristina Guimarães. São Paulo:

Scritta Editorial, 1993.

_____. Como enfrentar o Império? In: Chomsky, Noam; ROY, Arundhati e AMIN, Samir. **A ofensiva do Império e os dilemas da humanidade**. S/tradutor. São Paulo: Movimento Consulta Popular, 2003.

_____. **Contendo a democracia**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2003.

_____. **Controle da Mídia. Os espetaculares feitos da propaganda**. Trad. Antônio Augusto Fontes. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.

_____. **Entrevista concedida ao Jornal Folha de São Paulo, 22/09/2001**.

_____. **Estados fracassados: o absurdo do poder e o ataque à democracia**. Trad. Pedro

Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **Neoliberalismo e ordem global. Crítica do lucro**. Trad. António Cruz Belo.

Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

⁴² CHOMSKY, Noam. **Ano 501. A conquista continua**. Trad. Maria Cristina Guimarães. São Paulo: Scritta Editorial, 1993, p. 53.

⁴³CHOMSKY, Noam. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich**. Trad. Luiz Ricardo leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998, p.s 130, 141, 179.

⁴⁴ JUSTAMAND, Michel. **Neoliberalismo: a máscara atual do capital**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010, p. 58.

_____. **Novas ordens e velhas ordens mundiais**. Trad. Paulo Roberto Coutinho. São Paulo: Scritta, 1996.

- _____. **O governo do futuro.** Trad. Maira Parula. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- _____. **O império americano: hegemonia ou sobrevivência.** Trad. Regina Lira. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- _____. **O novo Humanismo Militar: lições de Kosovo.** Trad. Jorge Almeida e Pinho. Porto: Campo das Letras, 2002.
- _____. **O que o Tio Sam realmente quer?** Trad. Sistílio Testa e Mariúchka Santarrita. Brasília: UNB, 1996.
- _____. **Poder e terrorismo: entrevistas e conferências pós-11 de setembro.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.
- _____. **Propaganda ideológica e controle do juízo público.** Trad. Danielle Mendes Sales. Rio de Janeiro: Achiamé, s/data.
- _____. **Rumo a uma nova guerra fria: política externa dos EUA, do Vietnã a Reagan.** Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
- _____. **Segredos mentiras e democracia.** Trad. Alberigo Loutron. Brasília: UNB, 1999.
- _____. **Um olhar sobre a América Latina. Entrevistas com Heinz Dieterich.** Trad. Luiz Ricardo leitão com a colaboração de Alberto Moby. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1998.
- JUSTAMAND, Michel. **Neoliberalismo: a máscara atual do capital.** Rio de Janeiro: Achiamé, 2010.
- MITCHELL, Peter R. e SCHOEFFEL, John. **Para entender o poder. O melhor de Noam Chomsky.** Trad. Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.